

NÃO VOS PREOCUPEIS

LEO J. TRESE

NÃO VOS PREOCUPEIS

Tradução
Émerico da Gama

3ª edição



QUADRANTE

Título original
More than many sparrows

Copyright © 1991 by Nazareth College, Indiana, USA

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trese, Leo J.

Não vos preocupeis / Leo J. Trese; tradução de Emérico da Gama – 3ª ed. – São Paulo : Quadrante, 2022.

ISBN: 978-85-7465-391-4

1. Conduta de vida 2. Espiritualidade 3. Meditação 4. Vida cristã I. Título

CDD 248.4

Índice para catálogo sistemático:

Meditação : Vida cristã : Cristianismo 248.4

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

Sumário

O amor de Deus por ti	9
Um amor pessoal.....	9
O céu.....	12
O teu amor por Deus	17
O sentido da vida.....	17
Por que te preocupas?	20
Amor e sentimento.....	23
A força que há em ti	27
A prudência	27
A fortaleza.....	30
Tal como és	35
A humildade	35
Os defeitos de personalidade	38
O desânimo	42
Se estás aborrecido	47
A indelicadeza humana	47
A ira.....	50
A ira boa	53
O teu grande poder	57
O poder de procriar.....	57
Homem, mulher e Deus.....	60
O teu caminho	65
Diferenças de personalidade	65
A «Doce vida de solteiro».....	68
A vocação para o celibato individual no mundo	72

A tua maneira de trabalhar.....	77
O significado do trabalho	77
Cultivar a inteligência	80
A tua maneira de viver	85
Desprendimento.....	85
A «Mentalidade prática»: O secularismo	88
O teu amor.....	93
Amar os que não nos amam	93
A fonte do bom relacionamento	96
Embaixadores da caridade de Cristo	99
O bem que fazes.....	103
Que coisas boas fiz hoje?	103
O contributo masculino	106
Levanta o teu coração	111
Como orar	111
As distrações na oração	114
A graça está contigo	119
A graça santificante	119
A graça atual	123

*PORVENTURA NÃO SE VENDEM
DOIS PASSARINHOS POR UM ASSE?
E TODAVIA NEM UM SÓ DELES
CAIRÁ SOBRE A TERRA
SEM A PERMISSÃO DE VOSSO PAI.
ATÉ OS PRÓPRIOS CABELOS
DA VOSSA CABEÇA
ESTÃO TODOS CONTADOS.
NÃO VOS PREOCUPEIS, POIS;
VÓS VALEIS MAIS
DO QUE MUITOS PÁSSAROS.*

(Mt 10, 29-31)

O amor de Deus por ti

Um amor pessoal

Prescindindo de quais possam ser os nossos problemas pessoais, existe uma necessidade profundamente sentida, que todos temos em comum: a necessidade de ser amados e de saber que somos amados.

Necessitamos de sentir que o que fazemos e o que se passa conosco significam alguma coisa para alguém que não nós mesmos. Sem esta sensação de que há alguém que cuida de nós, e que cuida muito, a vida no melhor dos casos seria insípida e, no pior, assustadora, assustadora até o suicídio.

A nossa filosofia cristã de vida começa com a convicção de que, a par das nossas amizades humanas, existem Alguém que nos ama profundamente e que se preocupa intensamente com tudo o que nos acontece. Esse Alguém é, evidentemente, Deus.

Quando éramos ainda muito jovens, aprendemos que Deus criou o universo para manifestar a sua infinita grandeza. Esta grandeza de Deus está plasmada no poder onipotente com que Ele formou o universo do nada, por um

mero ato da sua vontade. A infinita bondade de Deus manifesta-se na sua determinação de compartilhar com outros a sua felicidade eterna, com a consequente criação da raça humana.

Isto explica-nos por que existe o mundo e por que existe a raça humana; mas não nos explica por que existimos tu e eu, como indivíduos particulares. Não nos explica por que Deus decidiu formar a tua alma e a minha, preferindo-as a outras almas possíveis, em número infinito, que teria podido formar em seu lugar. Devemos recordar que existem na mente divina as imagens de um número infinito de almas que Deus teria podido criar se assim o quisesse. A maioria destas imagens jamais será chamada à existência. Por que razão – perguntamo-nos – Deus preferiu criar-nos a ti e a mim?

Recorrendo a exemplos humanos, poderíamos comparar Deus a um homem que examina um livro de arquitetura com diversos projetos de casas. De repente, esse homem deixa de passar as páginas e põe o dedo no esboço de uma determinada casa. «Aqui está – diz ele – exatamente a casa que eu quero. Esta é a casa que vou construir». De maneira semelhante poderia uma mulher ir passando as páginas de uma revista de modas. Quando seus olhos pousam sobre um determinado modelo, iluminam-se! «Aqui está o vestido – diz ela – que realmente me agrada. Este é o vestido que vou fazer».

É óbvio que as decisões de Deus foram tomadas desde toda a eternidade. Mas falando de Deus em termos humanos, poderíamos dizer que Ele examinou na sua mente divina o «catálogo das almas possíveis», passou ao largo de bilhões e bilhões de outras almas e deteve-se quando chegou à tua imagem. «Aqui está – disse Deus – uma alma que Eu posso amar realmente. Aqui está uma alma

que quero comigo para sempre no céu. Aqui está uma alma que criei». E assim tu chegaste à existência.

Em virtude da infinita perfeição de Deus, a nossa descrição não é adequada: na verdade, Deus não tem que «parar para pensar nas coisas». Mas a descrição é verdadeira. O fato que se adivinha nas entrelinhas é absolutamente verdadeiro! Deus escolheu-nos a cada um de nós dentre um número ilimitado de outras almas possíveis em virtude de um amor inteiramente especial e particular por nós: quis-te a *ti* e pôs de parte qualquer outro.

Deus jamais cessou de amar-te. Mesmo nos teus momentos de mais negra ingratidão, nos momentos do teu pecado mais sombrio, Deus não parou de amar-te. Assim como a mãe de um filho transviado não cessa jamais de amar a criatura das suas entranhas, assim Deus jamais cessa de amar-te tal como és na realidade: a obra de suas mãos, a particular imagem de Si mesmo que tu representas. Deus detestará o teu pecado, mas jamais te detestará a ti. Mesmo que te tenhas separado dEle pelo pecado, o seu amor continua a rondar-te, tentando achar, na couraça do amor que tens por ti mesmo, uma brecha pela qual possa introduzir-se para fazer com que regresSES a Ele.

Além disso, o amor que Deus nos tem é um amor pessoal e individual. Não devemos cair no erro de pensar que Deus nos ama de um modo impessoal, como se fôssemos uma pequena partícula na grande massa da humanidade. Deus não nos perde de vista, como tu ou eu perderíamos de vista uma gota de água na imensidade do oceano. Os números não significam nada para Deus, porque Ele é infinito. Se tu fosses o único sobrevivente no mundo depois de uma guerra atômica, Deus não poderia amar-te mais, pessoalmente, do que te ama. Em cada momento absorves a sua atenção por inteiro, o seu amor to-

tal. Neste preciso instante, Deus está pensando em ti, «olhando-te» a ti, diretamente, amando-te.

Não é suficiente crer simplesmente em tudo isto com a nossa mente. Para atingires uma felicidade verdadeira e duradoura, a convicção mais profunda do teu coração deve ser que Deus te ama com um amor fantástico; que está intensamente atento aos teus problemas presentes; que se preocupa de um modo impressionante com o que te acontece; que, das tuas atuais preocupações, impostas pela ignorância ou pela malícia dos outros – ou pela tua própria loucura –, Ele tirará o bem. É a certeza viva desta verdade, do amor de Deus por ti, que deve ser o fundamento da tua filosofia cristã de vida.

O céu

Não recordo agora onde é que o li. Apenas sei que me impressionou como a observação mais lastimável e estúpida que jamais vi. Um homem esforçava-se por demonstrar a profundidade do seu amor: «Se fores para o inferno – dizia –, eu também querei ir para o inferno».

Era uma observação que demonstrava o abismo de ignorância em que se encontrava esse homem sobre a verdadeira natureza do inferno. Ao que parece, pensava no inferno como um lugar em que dois amigos podem sentar-se de mãos dadas e consolar-se na sua mútua desgraça. O inferno é tudo menos isso. O inferno é o lugar da mais amarga solidão, o destino daquele que durante a sua vida nunca amou ninguém senão a si mesmo. Não existe amizade de nenhum gênero no inferno, como não existe parentesco de nenhum grau. A única coisa que as almas possuem em comum no inferno é um ódio recíproco e um

ódio a Deus, porque o inferno é o estado de ausência absoluta de amor – e a total ausência de amor é o ódio.

Assim como esse personagem que assim falava – se é que chegou a fazer semelhante observação – tinha uma ideia absolutamente errada do inferno, da mesma maneira muitos têm uma ideia totalmente imprópria do céu.

Não é que algum de nós possa chegar a possuir nesta vida um conhecimento verdadeiramente adequado do céu. Mas devemos aproximar-nos tanto quanto possível de um entendimento preciso. Senão, não valeria a pena viver, trabalhar e sofrer pelo céu. E estaríamos em perigo de desfalecer ou de sofrer um colapso quando as horas duras da vida se abatessem pesadamente sobre nós.

Nenhum de nós é, com certeza, tão infantil que possa pensar que o céu é um lugar cheio de nuvens cor-de-rosa, onde soam as harpas, ou um superclube de campo, onde sempre brilha o sol. Sabemos que o céu é a união eterna com Deus. Mas se não meditarmos no que isso significa, o mero conhecimento do que é não nos entusiasmará demasiado.

Devemos esforçar-nos por imaginar o que será quando nos virmos submergidos no abraço do Amor Absoluto, e nós mesmos correspondermos à irresistível atração desse amor com uma força que preencherá até transbordar a nossa capacidade de amar. Por acaso pensamos que já sabemos o que é amar? Por acaso achamos que já experimentamos um grande amor – o amor pelos pais ou pelos filhos, o amor pela esposa? A verdade é que não fazemos a menor ideia do que é realmente a nossa capacidade de amar; nem a faremos até que a visão de Deus ilumine o nosso interior no momento da morte ou da saída do purgatório.

Tentando expressar tudo isto com palavras humanas, poderíamos dizer que nos encontraremos arrastados por

uma selvagem e avassaladora torrente de amor, de um amor tão violento que pareceria pôr em perigo a nossa própria existência. Mais ainda: se Deus não nos desse forças para podermos absorver o seu amor e corresponder a ele, a penetrante intensidade do seu amor infinito seria superior ao que qualquer alma poderia suportar.

Quando vimos Deus como é, em toda a sua infinita amabilidade, o nosso próprio amor sairá disparado em sua direção, numa descarga irreprimível. Se naquele momento houvesse tempo ou ocasião para nos admirarmos, ficaríamos estupefatos ante essa nossa capacidade jamais sonhada de amor, ou ante essa profundidade jamais suspeitada do nosso amor – de um amor que existe dentro de nós e que nunca chegamos a conhecer ou pressentir. O amor de Deus ocupará totalmente a nossa alma, assim como a onda vibrante de um grande sino ocupa totalmente um espaço pequeno. O nosso amor corresponderá ao amor de Deus num refluxo quase doloroso, tal a sua intensidade.

É precisamente este espantoso intercâmbio de amor que constitui a felicidade essencial do céu. Permaneceremos unidos a Deus, imersos nEle, num abraço tão íntimo que tornará praticamente impossível qualquer outra atividade.

E não será uma felicidade apagada ou estática. Se procurarmos – em vão – palavras humanas que possam descrevê-la, apenas saberemos dizer que será uma felicidade especial que nos causará vertigens, uma felicidade em espiral ascendente, uma felicidade que tomará conta do coração inteiro, uma felicidade explosiva.

A oração: «Dai-lhes, Senhor, o repouso eterno» é uma prece pelos defuntos santificada pela sua antiguidade, mas que não deve desfigurar a nossa ideia do céu.

Para alguém que se encontre completamente esgotado por um duro braço-de-ferro contra a tentação ou contra as contínuas dificuldades deste mundo, o repouso perfeito já poderá parecer suficientemente celestial. Mas o céu não é um lugar aonde se vai para tirar uma sesta. O céu não é um estado de pacífica ociosidade. Nesta vida, jamais teremos tanta atividade como naquele momento de delírio do êxtase, quando Deus vier a ser totalmente nosso, e nós dEle.

«Momento», dissemos? Sim, o céu é um momento supremamente delicioso, mas um momento que nunca acaba. É-nos difícil compreender o fato de que, transposta a barreira do universo físico, o tempo deixa de contar. O tempo é a ferramenta que usamos para medir as mudanças que se sucedem constantemente no mundo material. Quando já não houver mudança nenhuma, o tempo também deixará de existir. A eternidade não é um «tempo muito, muito longo». A eternidade é simplesmente um só instante, um grandioso e fulgurante *agora*, um *agora* que jamais tem fim.

Por isso não devemos temer que possamos aborrecer-nos no céu. O céu dura para sempre, mas é um *para sempre* comprimido num só momento imperecível. Depois de milhões de anos, o sol esfriará e os planetas irão afrouxando o seu curso até pararem nas suas órbitas. Enquanto tudo isso for acontecendo, continuará a existir, para ti e para mim, esse instante esplêndido e glorioso, esse auge de felicidade consumada, esse momento eterno de cada um de nós com Deus.

O teu amor por Deus

O sentido da vida

A nossa existência será pouco feliz se não tivermos a convicção de que a vida está cheia de sentido.

Tudo o que fazemos consciente e voluntariamente, fazemo-lo com um fim; existe uma razão para que atuemos deste modo e não de outro. Às vezes, a nossa intenção permanece oculta no subconsciente, mas está presente. E isto é verdade mesmo nas ações que, aparentemente, não têm motivo nenhum. Olhamos despreocupadamente através de uma janela, ou damos uma volta pelo jardim sem propósito algum. Mas o que na realidade estamos fazendo é tentar acalmar os nossos nervos ou resolver um problema que nos ocupa a cabeça ou talvez, inconscientemente, estamos adiando um trabalho desagradável em que devemos enfrontar-nos. É característico dos seres inteligentes que a sua atuação consciente seja uma atuação *cheia de sentido*.

E como Deus é um Ser inteligente – infinitamente inteligente –, tudo o que faz tem sempre um motivo. E como Deus é infinitamente bom, tudo o que faz deve ter sempre um motivo *bom*. Por conseguinte, Deus criou o Universo e tudo o que nele existe com uma finalidade

boa, tendo em mira um fim bom. Tudo o que existe e tudo o que acontece tem por fim desenvolver esse plano de Deus. Mesmo os acontecimentos que nos parecem insignificantes, e até talvez ilógicos, têm apesar de tudo o seu lugar no conjunto do plano divino.

Há ocasiões em que nos é duro aceitar tudo isto, tão reduzido é o espaço da vida que vemos. Que contam os nossos setenta ou oitenta anos se os compararmos com as centenas de milhares e talvez milhões de anos em que se irá desenvolvendo o plano de Deus? Se uma formiga rasveja ao longo da abóbada da Capela Sistina, no Vaticano, tudo o que pode ver é um pouco de tinta irregular debaixo das suas patas. Mesmo que tivesse inteligência humana, não poderia perceber que o pedaço de pintura sobre o qual se encontra faz parte do quadro do Juízo Final, a grande obra-prima de Michelangelo. De maneira parecida, o que nós vemos é um pedaço reduzidíssimo do conjunto do plano de Deus. Não é, pois, de estranhar que às vezes sejamos tentados a exclamar: «Que razão pôde ter Deus para permitir que me acontecesse isto?»

A vida está *cheia de sentido*. Devemos lembrar-nos disso. Dia a dia, o mundo e todos os que estamos nele vamos avançando em direção à realização completa do plano de Deus. Tu e eu somos, nas mãos de Deus, como o pincel nas mãos do pintor. Dia após dia, vamos prestando a nossa colaboração pessoal e pequena à grande obra-prima de Deus, embora só venhamos a compreender claramente qual foi a nossa parte quando virmos no céu a obra acabada.

Deus quer que, inspirados no nosso amor por Ele, colaboremos com Ele de uma maneira livre e voluntária. E se recusarmos essa colaboração, prejudicar-nos-emos a nós mesmos, mas não frustraremos a obra divina. Mesmo

o mal que os homens fazem, Deus aproveitá-lo-á para os seus próprios fins. Deus serviu-se do ódio gangrenado dos fariseus por Cristo para realizar a Redenção da humanidade. Pode muito bem acontecer que esteja servindo-se dos males do comunismo para preparar o caminho para a conquista de novas nações e de novos povos para Cristo. De uma coisa podemos estar certos: o plano divino continua o seu avanço. E todos, mesmo os passarinhos – e até as vespas –, temos a nossa missão própria nesse plano.

Tudo o que ficou exposto vem a dizer-nos, por outras palavras, que não devemos desanimar nunca ante o pensamento de que a nossa vida é uma vida vazia, uma vida sem sentido. Deus não nos teria criado se não tivesse querido confiar-nos uma missão particular. Não há dúvida de que Ele nos criou por força do amor sem igual que – para falar em termos humanos – sentiu por nós ao contemplar a nossa imagem na sua mente divina. Mas, com toda a certeza, uma das razões pelas quais nos ama de modo tão singular é porque viu que podíamos realizar para sua glória uma tarefa determinada, e levá-la a cabo com maior precisão e perfeição do que qualquer outra pessoa que pudesse criar.

Do nosso ponto de vista particular, pode parecer-nos coisa sem a menor importância essa tarefa determinada que Deus previu para nós; mas é tão frequente que o nosso ponto de vista não coincida com o de Deus!

A verdade é que muitas das grandes coisas que fazemos – os grandes êxitos de que nos vangloriamos tão prontamente – são coisas que qualquer outro poderia executar tão bem como nós – ou melhor. Em contrapartida, há alguma coisa em particular que só nós e ninguém mais tem de executar; e essa coisa concreta e particular, ninguém a levará a cabo com tão exata perfeição como nós. Talvez seja certa pessoa que encontramos ou viremos

a encontrar algum dia na nossa vida, e à qual – falando humanamente – Deus chegará através de nós ou não chegará de maneira nenhuma. Mais ainda: talvez seja uma só palavra que dissemos ou que diremos mais adiante, uma só palavra que nós temos de dizer, ou então ficará por pronunciar para sempre.

Por isso é tão importante que procuremos fazer bem tudo o que fazemos, mesmo os nossos trabalhos mais simples e monótonos. E é por isso, sobretudo, que as nossas relações pessoais devem estar motivadas por uma grande caridade. Nunca sabemos – nesta vida – qual o momento em que estamos a realizar aquela tarefa que é a nossa contribuição especial e exclusiva para o plano de Deus.

Tudo o que fazemos por Deus é, sem dúvida, abençoado por Ele; tudo é importante. Mas lembremo-nos de que existe essa contribuição específica que só nós podemos prestar. E a convicção de que a nossa existência particular se reveste de especial importância afastará de nós a sensação de que a nossa vida, por muito humilde e simples que seja, é uma vida fracassada.

Por que te preocupas?

Quando nos preocupamos, é por uma de duas razões: ou porque não temos confiança em Deus ou porque nos falta confiança em nós mesmos. Ou, pior ainda, porque nos faltam uma e outra ao mesmo tempo.

E, como pano de fundo de qualquer das nossas preocupações, estará sempre alguma das duas razões apontadas: quer se trate do receio de perder o emprego ou de fracassar nos estudos, ou da nossa ansiedade pelas contas a pagar ou pela falta de saúde; quer seja o medo de não

encontrar a esposa ideal, ou perder o esposo que se tem; quer seja a preocupação pela conduta dos filhos ou o abatimento por não sermos tão populares como desejaríamos; ou por parecer-nos que estamos «marcando passo» na vida. E assim sucessivamente, na longa ladainha das preocupações humanas.

Quando verificamos que começam a desenhar-se rugas no nosso rosto e notamos que se fazem nós no nosso estômago, podemos concluir que estamos permitindo às nossas emoções que assumam o controle da nossa inteligência. É então o momento mais adequado para nos determos a pensar seriamente e para recordarmos também algumas verdades esquecidas.

Antes de mais nada, Deus me ama. Cuida sollicitamente de tudo o que acontece comigo. Ele quer para mim o melhor. Está comigo aqui, precisamente agora, com a atenção fixada em mim. Está mais perto de mim do que jamais qualquer ser humano esteve ou poderá estar. E isto são fatos, *fatos reais e tangíveis*. Não histórias piedosas.

De acordo. Deus preocupa-se comigo! Ele, que é infinitamente sábio e sabe até o último e mais ínfimo detalhe o que é melhor para mim; Ele, que é também infinitamente poderoso. Não há nada impossível para Deus. Toda a Criação está na palma das suas mãos.

Tudo isto significa que Deus, que quer para mim o melhor e que sabe o que é o melhor para mim, não está junto de mim de braços cruzados, vendo-me desfalecer. Neste preciso instante, Deus está agindo sobre o coração do meu problema. É o próprio Deus quem governa *essas* circunstâncias que me oprimem, ameaçadoras, para que, em última análise, tudo redunde em meu proveito. Devo compreender isto, ou caso contrário não conheço a verdadeira natureza de Deus. Preciso gastar um longo minu-

to em olhar para Deus, apenas olhar, para compreender o fato de que Deus, este Deus de amor, de sabedoria, de poder, não está à margem, num céu longínquo, mas comigo, aqui mesmo, neste preciso momento e durante todo o tempo. Então com que me preocupo?

Está certo. Mas a dificuldade é esta: sim, eu confio na solicitude com que Deus me acompanha, mas também sei que Ele espera que eu desempenhe o meu papel. Ele não vai realizar milagres para conseguir o que eu deveria fazer por mim mesmo. O que realmente me preocupa é que sou eu que vou falhando. Não é precisamente o meu forte fazer as coisas acertadamente. São as minhas próprias faltas – ou o medo de cometê-las – que me fazem sentir inepto para esta tarefa ou para esta responsabilidade. Uma pessoa esperta jamais se deixaria envolver na complicação em que me encontro; outra pessoa mais capaz faria muito melhor o meu trabalho; uma pessoa inteligente acharia facilmente a solução para o meu problema. E é precisamente *isto* que me preocupa.

Uma vez mais, é o sentimento e não a razão que fala. Se eu posso dizer honestamente que faço o melhor que posso nas circunstâncias atuais, então Deus está cem por cento satisfeito comigo. Ele se encarregará do resto, inclusive das minhas próprias faltas. No fim, ficarei surpreso ao verificar como tudo saiu maravilhosamente bem, mesmo quando de momento tudo parecia desesperador.

Devo lembrar-me também de que esse «melhor» que eu posso fazer não há de ser necessariamente o melhor do melhor. Nós os humanos marcamos aos outros metas muito altas. Se um chefe confia determinada tarefa a um de seus homens, espera que essa tarefa seja executada tão perfeitamente como ele próprio a teria podido executar. Coloca a sua própria perfeição como padrão para julgar da per-

feição de qualquer outro, e faz pouco caso dos conhecimentos ou da menor habilidade dos outros. Algumas vezes, os pais demonstram esse mesmo gênero de super expectativa em relação ao comportamento de seus filhos. Dão ao garoto uma tarefa, e depois, esquecendo-se da sua própria maturidade de pessoas mais velhas e da sua experiência, criticam o filho porque terminou o trabalho de forma imperfeita. E isto, apesar de o moleque ter feito o melhor possível dentro dos limites da sua capacidade.

Podemos estar agradecidos a Deus por Ele não ser tão exigente. O nosso «melhor» pode ser um melhor muito pobre, tão cheio de furos como uma peneira; mas se é o nosso melhor, mesmo o nosso melhor apenas razoável, então a nossa realização chegou ao ponto mais alto, até encontrar Deus. Ele sabe em detalhe até onde chega a nossa inteligência natural, conhece o resultado da nossa educação, as falhas que ocorreram na formação da nossa personalidade, sejam quais forem. Se nos encaminhou para uma tarefa, para uma responsabilidade, para uma dificuldade que ultrapassa a nossa capacidade, podemos estar certos de que Ele mesmo se encarregará de tudo o que ficou por resolver. Mas devemos deixar que o faça no seu devido tempo, à sua maneira.

Fazer as coisas o melhor que possamos e deixar o resto para Deus – este é o antídoto contra a preocupação, a receita para termos sempre um coração tranquilo.

Amor e sentimento

Não é raro encontrar pessoas que se atormentam no seu interior porque lhes parece que não amam a Deus como deveriam.

De um certo ponto de vista, esta atitude é correta. Nunca podemos chegar a amar a Deus o bastante; nunca podemos chegar a amá-Lo como merece ser amado. Estaríamos em má situação se alguma vez começássemos a sentir que o nosso amor a Deus é suficiente, se alguma vez nos encontrássemos espiritualmente autossatisfeitos. Existe um «divino descontentamento» que é essencial à maturidade espiritual. O descontentamento em relação a nós mesmos é sinal de saúde espiritual, da mesma maneira que os crescentes distúrbios da adolescência são sinal de um desenvolvimento físico e psíquico normal.

Contudo, não é a quantidade, mas antes a qualidade do seu amor a Deus que preocupa algumas pessoas. «Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente», diz-nos Jesus (Mt 22, 37). Trata-se de um mandamento bastante peremptório, e é dirigido a todos, não apenas aos santos.

Ora, se eu amasse realmente a Deus com todo o meu coração e com toda a minha alma, não o «sentiria» nem ao menos um pouco? Assim como sinto, por exemplo, que amo certas pessoas – os meus pais, a esposa, os filhos, os irmãos e irmãs, os amigos? Quando o amor é grande, basta ouvirmos o nome da pessoa que amamos para o coração nos bater mais aceleradamente e o nosso espírito se sentir confortado. Mas comigo nunca acontece que o coração me bata mais depressa ao ouvir o nome de Deus, nem sinto a menor excitação ao pensar nEle. Saberei eu alguma vez fazer um ato perfeito de amor a Deus? Ou realizar um ato de contrição perfeita? São deste teor os pensamentos de algumas almas atribuladas.

O ponto fraco nesta cadeia de raciocínios é a confusão entre o que poderíamos chamar o amor sentimental e o amor puro de espírito a espírito, que é a natureza essencial

do nosso amor a Deus. O amor entre as pessoas encerra quase sempre um elemento emocional. É um amor que abrange uma parte física e uma parte espiritual. É um amor que podemos «sentir»; um amor que, até certo ponto, podemos medir pela intensidade do nosso sentimento.

Não é necessário, porém, que no nosso amor a Deus haja algum elemento emocional. O verdadeiro amor a Deus radica na *vontade*, não nas emoções. Reside essencialmente na alma, e só vez por outra, incidentalmente, se estende à natureza física do homem. É verdade que algumas pessoas, especialmente muitos santos, puderam sentir de maneira emotiva o seu amor a Deus. São Felipe Neri, por exemplo, tinha frequentemente palpitações tão violentas, só de pensar em Deus, que todo o seu corpo tremia.

Foi uma graça especial e maravilhosa que Deus concedeu a São Felipe Neri, embora a intensidade do seu amor a Deus não se aferisse por essa medida. O nosso amor a Deus – como o do Santo – não se mede por tudo o que sentimos por Deus, mas por tudo o que estamos dispostos a fazer por Ele. Se na nossa mente e no nosso coração estamos verdadeiramente convencidos de que *nada* nem *ninguém* deve ser preferido a Deus; se podemos dizer honestamente que estamos dispostos a sacrificar qualquer gênero de amor humano, por forte que possa ser, sempre que no-lo peçam os nossos deveres para com Deus; se jamais permitimos que nada do que temos, seja a nossa posição ou as nossas posses, se interponha como uma barreira entre Deus e nós – então o nosso amor a Deus é um amor verdadeiro.

Outro dos critérios para comprovarmos a veracidade do nosso amor a Deus é verificar até que ponto o pensamento de Deus domina o nosso dia. Se amamos a Deus, vivemos para Deus. Isto não significa que devamos pen-

sar explicitamente em Deus durante as vinte e quatro horas do dia – como um homem não pensa conscientemente na esposa e nos filhos durante todo o dia, embora seja por eles – de acordo com a vontade de Deus – que vive e trabalha. Se temos de ter a nossa mente atenta aos trabalhos que nos ocupam, não é possível pensarmos conscientemente em Deus durante todo o tempo.

O que essa expressão realmente significa é que sempre, mesmo que seja inconscientemente, está presente a convicção de que aquilo que estamos fazendo, estamos fazendo-o por Deus: o nosso trabalho, as nossas diversões, as nossas relações familiares, as nossas responsabilidades sociais, todo o conjunto da nossa vida. Vez por outra, durante o dia, os nossos pensamentos podem dirigir-se explicitamente a Deus, a fim de renovarmos o oferecimento matinal do nosso dia. Mas mesmo que Deus não esteja conscientemente nos nossos pensamentos, estará sem dúvida no nosso coração e nas nossas mãos, enquanto levamos adiante as nossas tarefas da vida cotidiana.

Pode muito bem dar-se um alto grau de amor a Deus unido a uma grande frialdade nas nossas emoções. Como também é muito possível o contrário. Uma pessoa pode sentir-se tão piedosa que derrame lágrimas ao ouvir ressoar suavemente o órgão da igreja, e no entanto sair de lá e cometer um pecado mortal antes de o dia morrer. As nossas emoções simplesmente não podem ser um termômetro digno de confiança do nosso amor. Mas se dermos mais valor a Deus do que a todas as coisas criadas e a todas as pessoas; se nos esforçarmos sinceramente, dia após dia, em viver como Ele quer que vivamos, então sem dúvida poderemos estar certos de que o nosso amor a Deus é verdadeiramente autêntico, sejam quais forem as nossas emoções.